



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 8º e 9º anos
- Leitor fluente — 6º e 7º anos

CÉSAR OBEID

Para ler, ver e ouvir.
Histórias indianas do Pantchatantra

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?¹*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



● Leitor crítico — Jovem Adulto

● Leitor crítico — 8º e 9º anos

● Leitor fluente — 6º e 7º anos

CÉSAR OBEID

Para ler, ver e ouvir.
Histórias indianas do Pantchatantra

UM POUCO SOBRE O AUTOR

César Obeid, nascido na cidade de São Paulo, é um fiel apaixonado por “culturas populares e contos tradicionais”. Formado em Administração de Empresas pelo Mackenzie, em 1997, já foi comerciante e ator. Hoje dedica a maior parte de suas atividades à difusão da literatura infantojuvenil. Além de pesquisador da poesia popular em versos, é repentista e contador de histórias. Autor de vários livros para jovens e crianças, César Obeid ministra cursos de poesia, de literatura de cordel e de dramaturgia para o público em geral e para educadores. Costuma apresentar seu trabalho como artista e educador em diversos projetos ligados ao SESC, ao Sesi e às Secretarias Municipais e Estaduais de Cultura, além de escolas e faculdades. Pela editora Moderna publicou também *Minhas rimas de cordel*, *O cachorro do menino*, *Aquecimento global não dá rima com legal*, *Rimas saborosas* e *Rimas animais*.

RESENHA

Nessa divertida e anárquica obra, César Obeid faz uso de diversos gêneros – muitos deles próprios do mundo contemporâneo –, como o *chat*, o roteiro de cinema, a entrevista e o *rap*, para recontar narrativas tradicionais do Pantchatantra, antiquíssimo livro indiano que procura ensinar uma sábia conduta de vida por meio de concisas e intrigantes histórias. Essa mistura entre o moderno e o arcaico promovida pelo autor gera um efeito inusitado e surpreendente, que muitas vezes se torna cômico: no ritmo bem brasileiro da embolada, descobrimos como a tagarelice pode matar uma tartaruga; um rei é entrevistado e provocado a revelar por que transformou a própria filha em uma rata; em um curioso bate-papo na rede, uma jovem revela a sua amiga como é viver casada com uma cobra.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

César Obeid, ao propor essa inusitada mescla de gêneros, busca uma nova maneira de apresentar ao jovem leitor narrativas de um teor muito diferente dos tradicionais ensinamentos orientais a que estamos acostumados. Embora as histórias do *Pantchatantra* tenham servido de modelo para que La Fontaine criasse as suas célebres fábulas, esses contos indianos, em sua maioria, possuem uma estrutura bastante diversa. Enquanto as fábulas costumam terminar com uma moral bastante clara e uma delimitação muito precisa do que deve ou não ser feito, a lição desses contos indianos é muito menos óbvia: seu final é por vezes obscuro ou ambíguo. Trata-se, em última instância, de histórias que nos fazem pensar a respeito da nossa postura ética diante da vida, antecipando as situações complexas que podemos vir a enfrentar e propondo reflexão e meditação ao invés de fornecer respostas categóricas. No mundo contemporâneo, em que questões éticas parecem de algum modo abafadas em meio ao individualismo e consumismo propagados pela mídia, entrar em contato com uma sabedoria ancestral pode ser revelador.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos tradicionais.

Palavras-chave: sabedoria tradicional, amadurecimento, astúcia.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Temas transversais: Pluralidade cultural.

Público-alvo: sétimo e oitavo anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Leia com seus alunos os textos de apresentação de César Obeid e Ilan Brenman nas primeiras páginas do livro. A seguir, discuta com eles a respeito do papel das histórias tradicionais: será que as palavras podem mesmo ser “ervas milagrosas”? De que maneira uma narrativa pode ensinar uma “sábia conduta de vida”?

2. Antes do advento da escrita, e mesmo depois dele, em alguns povos o conhecimento era – ou continua sendo – transmitido por meio da palavra falada: daí o valor das narrativas tradicionais e o papel fundamental dos contadores de história. Discuta um pouco a respeito do tema com a classe. Converse sobre o fato de que, em nossa cultura, o hábito de contar histórias tenha se perdido com o decorrer do tempo. Como referência, baseie-se no artigo “O narrador”, de Walter Benjamin, que pode ser encontrado no livro *Obras escolhidas vol. I: Magia e técnica, arte e política*, publicado pela editora Brasiliense.

3. Proponha que seus alunos pesquisem um pouco mais a respeito do *Pantchatantra* ou *Panchatantra*. Qual teria sido a sua origem? Quais são as suas principais características?

4. Deixe que seus alunos folheiem o livro e observe se conseguem identificar alguns dos gêneros que o autor utiliza para contar essas histórias (roteiro de cinema, bate-papo na internet, peça de teatro etc.).

5. Leia a seção *Autor e obra*, em que o autor descreve um pouco a viagem que fez à Índia e que permitiu sua aproximação com os contos do *Pantchatantra*.

Durante a leitura

1. Chame a atenção da classe para a maneira como o livro se encontra organizado: antes da história propriamente dita, há sempre um pequeno texto que apresenta ao leitor as características essenciais do gênero escolhido para narrá-la. Veja se os alunos notam de que maneira a diagramação deixa claro que estamos diante de seções distintas.

2. Proponha que descrevam como as características de cada gênero se atualizam nos textos.

3. Os contos do livro possuem alguns termos de origem indiana, como *brâmane* e *asharam*, que provavelmente seus alunos não conhecem. Mostre a eles que na página 53 há um glossário que esclarece o sentido de palavras como essas. Estimule-os a consultá-lo.

4. Seria interessante fazer na sala de aula uma leitura em voz alta dos contos “A tartaruga e os ganhos” (embolada); “Os ratos e os elefantes” (*rap*); “O macaco e o crocodilo” (literatura de cordel) e “O gênio e o tecelão” (limerique): em todos os

gêneros empregados, a sonoridade das palavras é tão importante quanto o seu sentido.

5. Peça que atentem para as ilustrações, procurando perceber a relação que existe entre texto e imagem.

Depois da leitura

1. No livro *Pancatantra: fábulas indianas, livro I*, de Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erp Fleming e Maria Valéria Aderson de Mello, é possível encontrar alguns dos contos presentes no livro de César Obeid, porém, contados de forma mais tradicional. Selecione alguns deles para ler com a turma e em seguida proponha uma comparação: quanto as linguagens escolhidas por César Obeid modificam a atmosfera do conto? Que detalhes se transformam ou se perdem?

2. Alguns dos gêneros utilizados pelo autor não se esgotam apenas na palavra escrita: é o caso da peça de teatro, do roteiro de cinema e do *rap*. Divida a turma em três grupos: um deles ficará responsável por ensaiar e montar a peça “O leão e o coelho”, outro por filmar o roteiro “O ministro e o faxineiro” e o último por organizar uma apresentação com acompanhamento musical para o *rap* “Os ratos e os elefantes”. Ajude-os nessa tarefa. O grupo encarregado da peça pode optar tanto por alguma forma de teatro de animação (com bonecos, sombras ou com outros objetos quaisquer) quanto por interpretarem, eles próprios, os personagens. Talvez o grupo que ficar com o roteiro de cinema seja aquele que tenha mais trabalho. De qualquer modo, como o autor sugere, reforce que não é de modo algum necessário usar um equipamento profissional, basta uma máquina fotográfica com vídeo ou mesmo uma câmera de celular. Por fim, o grupo que for trabalhar com o *rap* pode optar por batidas gravadas ou pelo característico *beat box*, em que um dos músicos faz sons com a boca. Dê ao menos uma semana para que os grupos se preparem e marque um dia para a apresentação. Estimule-os a caprichar nos cenários e figurinos.

3. Na página 51, ao mesmo tempo que o autor explica de modo divertido o porquê da sua escolha da palavra *Pantchatantra*, ele também apresenta a estrutura das rimas e estrofes de algumas das linguagens que aparecem no decorrer do livro: as

quadras, as quintilhas à moda limerique e a setilha de cordel. Ajude seus alunos a decifrar o “código” de letras utilizado pelo autor para indicar as rimas, tornando muito mais fácil a compreensão do esquema rímico. Em seguida, proponha que, divididos em duplas, escrevam uma estrofe em cada um desses estilos, respeitando fielmente sua estrutura.

4. Diz-se que o *Pantchatantra* foi transmitido aos homens pelo próprio Vishnu, uma das faces do deus tríplice hindu. Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa a respeito do hinduísmo. Peça que procurem descobrir a história dessa religião, suas divindades, sua moral, sua prática religiosa, o cotidiano dos praticantes, os textos sagrados e suas principais ideias. Estimule-os ainda a procurar imagens, pesquisando sua iconografia.

5. No conto “A mulher que se casou com uma cobra”, uma jovem, depois do susto de descobrir que seu noivo prometido não era um homem, mas uma serpente, acaba por amá-lo, pois percebe que ele é um marido bom e atencioso. Numa lenda de origem germânica, é um homem, Sigfried, que se acha casado com uma mulher metade humana, metade cobra (em algumas versões, metade dragão ou peixe). A versão de Jean D’Arras para essa história, *A lenda de Melusina*, foi publicada pela editora Martins Fontes, na coleção Gandhara. Selecione algumas passagens para ler com seus alunos e estimule-os a ler as duas histórias.

6. O conto “A tartaruga e os gansos” lembra muito uma tradicional e bastante difundida fábula brasileira: “A festa no céu”, recontada por diversos autores, entre eles, Luís da Câmara Cascudo. Leia com a classe uma ou mais versões dessa narrativa tradicional e compare-a com a versão indiana recontada por César Obeid.

7. Selecione, da edição do *Pantchatantra* organizada por Maria da Graça Tesheiner (ver item 1 deste tópico), alguns contos que não tenham sido adaptados por César Obeid. Leia-os com a turma e, em seguida, proponha que escolham um deles para adaptar à maneira de César Obeid, de acordo com um dos gêneros presentes no livro: a embo-lada, o “internetês”, a peça teatral, o roteiro de cinema, o *rap*, a entrevista, a literatura de cordel ou o limerique. Sugira que eles procurem ser fiéis à estrutura da linguagem escolhida.



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 8º e 9º anos
- Leitor fluente — 6º e 7º anos

CÉSAR OBEID

Para ler, ver e ouvir. Histórias indianas do Pantchatantra

UM POUCO SOBRE O AUTOR

César Obeid, nascido na cidade de São Paulo, é um fiel apaixonado por “culturas populares e contos tradicionais”. Formado em Administração de Empresas pelo Mackenzie, em 1997, já foi comerciante e ator. Hoje dedica a maior parte de suas atividades à difusão da literatura infantojuvenil. Além de pesquisador da poesia popular em versos, é repentinista e contador de histórias. Autor de vários livros para jovens e crianças, César Obeid ministra cursos de poesia, de literatura de cordel e de dramaturgia para o público em geral e para educadores. Costuma apresentar seu trabalho como artista e educador em diversos projetos ligados ao SESC, ao SESI e às Secretarias Municipais e Estaduais de Cultura, além de escolas e faculdades. Pela editora Moderna publicou também *Minhas rimas de cordel*, *O cachorro do menino*, *Aquecimento global não dá rima com legal*, *Rimas saborosas* e *Rimas animais*.

RESENHA

Nessa divertida e anárquica obra, César Obeid faz uso de diversos gêneros – muitos deles próprios do mundo contemporâneo –, como o *chat*, o roteiro de cinema, a entrevista e o *rap*, para recontar narrativas tradicionais do Pantchatantra, antiquíssimo livro indiano que procura ensinar uma sábia conduta de vida por meio de concisas e intrigantes histórias. Essa mistura entre o moderno e o arcaico promovida pelo autor gera um efeito inusitado e surpreendente, que muitas vezes se torna cômico: no ritmo bem brasileiro da embolada, descobrimos como a tagarelice pode matar uma tartaruga; um rei é entrevistado e provocado a revelar por que transformou a própria filha em uma rata; em um curioso bate-papo na rede, uma jovem revela a sua amiga como é viver casada com uma cobra.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

César Obeid, ao propor essa inusitada mescla de gêneros, busca uma nova maneira de apresentar ao jovem leitor narrativas de um teor muito diferente dos tradicionais ensinamentos orientais a que estamos acostumados. Embora as histórias do *Pantchatantra* tenham servido de modelo para que La Fontaine criasse as suas célebres fábulas, esses contos indianos, em sua maioria, possuem uma estrutura bastante diversa. Enquanto as fábulas costumam terminar com uma moral bastante clara e uma delimitação muito precisa do que deve ou não ser feito, a lição desses contos indianos é muito menos óbvia: seu final é por vezes obscuro ou ambíguo. Trata-se, em última instância, de histórias que nos fazem pensar a respeito da nossa postura ética diante da vida, antecipando as situações complexas que podemos vir a enfrentar e propondo reflexão e meditação ao invés de fornecer respostas categóricas. No mundo contemporâneo, em que questões éticas parecem de algum modo abafadas em meio ao individualismo e consumismo propagados pela mídia, entrar em contato com uma sabedoria ancestral pode ser revelador.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos tradicionais.
Palavras-chave: sabedoria tradicional, amadurecimento, astúcia.
Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.
Temas transversais: Pluralidade cultural.
Público-alvo: sétimo e oitavo anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Leia com seus alunos os textos de apresentação de César Obeid e Ilan Brenman nas primeiras páginas do livro. A seguir, discuta com eles a respeito do papel das histórias tradicionais: será que as palavras podem mesmo ser “ervas milagrosas”? De que maneira uma narrativa pode ensinar uma “sábia conduta de vida”?

2. Antes do advento da escrita, e mesmo depois dele, em alguns povos o conhecimento era – ou continua sendo – transmitido por meio da palavra falada: daí o valor das narrativas tradicionais e o papel fundamental dos contadores de história. Discuta um pouco a respeito do tema com a classe. Converse sobre o fato de que, em nossa cultura, o hábito de contar histórias tenha se perdido com o decorrer do tempo. Como referência, baseie-se no artigo “O narrador”, de Walter Benjamin, que pode ser encontrado no livro *Obras escolhidas vol. I: Magia e técnica, arte e política*, publicado pela editora Brasiliense.

3. Proponha que seus alunos pesquisem um pouco mais a respeito do *Pantchatantra* ou *Panchatantra*. Qual teria sido a sua origem? Quais são as suas principais características?

4. Deixe que seus alunos folheiem o livro e observe se conseguem identificar alguns dos gêneros que o autor utiliza para contar essas histórias (roteiro de cinema, bate-papo na internet, peça de teatro etc.).

5. Leia a seção *Autor e obra*, em que o autor descreve um pouco a viagem que fez à Índia e que permitiu sua aproximação com os contos do *Pantchatantra*.

Durante a leitura

1. Chame a atenção da classe para a maneira como o livro se encontra organizado: antes da história propriamente dita, há sempre um pequeno texto que apresenta ao leitor as características essenciais do gênero escolhido para narrá-la. Veja se os alunos notam de que maneira a diagramação deixa claro que estamos diante de seções distintas.

2. Proponha que descrevam como as características de cada gênero se atualizam nos textos.

3. Os contos do livro possuem alguns termos de origem indiana, como *brâmane* e *asharam*, que provavelmente seus alunos não conhecem. Mostre a eles que na página 53 há um glossário que esclarece o sentido de palavras como essas. Estimule-os a consultá-lo.

4. Seria interessante fazer na sala de aula uma leitura em voz alta dos contos “A tartaruga e os gansos” (embolada); “Os ratos e os elefantes” (*rap*); “O macaco e o crocodilo” (literatura de cordel) e “O gênio e o tecelão” (limerique): em todos os

gêneros empregados, a sonoridade das palavras é tão importante quanto o seu sentido.

5. Peça que atentem para as ilustrações, procurando perceber a relação que existe entre texto e imagem.

Depois da leitura

1. No livro *Pantchatantra: fábulas indianas, livro I*, de Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erp Fleming e Maria Valéria Aderson de Mello, é possível encontrar alguns dos contos presentes no livro de César Obeid, porém, contados de forma mais tradicional. Selecione alguns deles para ler com a turma e em seguida proponha uma comparação: quanto as linguagens escolhidas por César Obeid modificam a atmosfera do conto? Que detalhes se transformam ou se perdem?

2. Alguns dos gêneros utilizados pelo autor não se esgotam apenas na palavra escrita: é o caso da peça de teatro, do roteiro de cinema e do *rap*. Divida a turma em três grupos: um deles ficará responsável por ensaiar e montar a peça “O leão e o coelho”, outro por filmar o roteiro “O ministro e o faxineiro” e o último por organizar uma apresentação com acompanhamento musical para o *rap* “Os ratos e os elefantes”. Ajude-os nessa tarefa. O grupo encarregado da peça pode optar tanto por alguma forma de teatro de animação (com bonecos, sombras ou com outros objetos quaisquer) quanto por interpretarem, eles próprios, os personagens. Talvez o grupo que ficar com o roteiro de cinema seja aquele que tenha mais trabalho. De qualquer modo, como o autor sugere, reforce que não é de modo algum necessário usar um equipamento profissional, basta uma máquina fotográfica com vídeo ou mesmo uma câmera de celular. Por fim, o grupo que for trabalhar com o *rap* pode optar por batidas gravadas ou pelo característico *beat box*, em que um dos músicos faz sons com a boca. Dê ao menos uma semana para que os grupos se preparem e marque um dia para a apresentação. Estimule-os a caprichar nos cenários e figurinos.

3. Na página 51, ao mesmo tempo que o autor explica de modo divertido o porquê da sua escolha da palavra *Pantchatantra*, ele também apresenta a estrutura das rimas e estrofes de algumas das linguagens que aparecem no decorrer do livro: as

quadradas, as quintilhas à moda limerique e a setilha de cordel. Ajude seus alunos a decifrar o “código” de letras utilizado pelo autor para indicar as rimas, tornando muito mais fácil a compreensão do esquema rímico. Em seguida, proponha que, divididos em duplas, escrevam uma estrofe em cada um desses estilos, respeitando fielmente sua estrutura.

4. Diz-se que o *Pantchatantra* foi transmitido aos homens pelo próprio Vishnu, uma das faces do deus triplice hindu. Proponha que seus alunos realizem uma pesquisa a respeito do hinduísmo. Peça que procurem descobrir a história dessa religião, suas divindades, sua moral, sua prática religiosa, o cotidiano dos praticantes, os textos sagrados e suas principais ideias. Estimule-os ainda a procurar imagens, pesquisando sua iconografia.

5. No conto “A mulher que se casou com uma cobra”, uma jovem, depois do susto de descobrir que seu noivo prometido não era um homem, mas uma serpente, acaba por amá-lo, pois percebe que ele é um marido bom e atencioso. Numa lenda de origem germânica, é um homem, Sigfried, que se acha casado com uma mulher metade humana, metade cobra (em algumas versões, metade dragão ou peixe). A versão de Jean D’Arras para essa história, *A lenda de Melusina*, foi publicada pela editora Martins Fontes, na coleção Gandhara. Selecione algumas passagens para ler com seus alunos e estimule-os a ler as duas histórias.

6. O conto “A tartaruga e os gansos” lembra muito uma tradicional e bastante difundida fábula brasileira: “A festa no céu”, recontada por diversos autores, entre eles, Luís da Câmara Cascudo. Leia com a classe uma ou mais versões dessa narrativa tradicional e compare-a com a versão indiana recontada por César Obeid.

7. Selecione, da edição do *Pantchatantra* organizada por Maria da Graça Tesheiner (ver item 1 deste tópico), alguns contos que não tenham sido adaptados por César Obeid. Leia-os com a turma e, em seguida, proponha que escolham um deles para adaptar à maneira de César Obeid, de acordo com um dos gêneros presentes no livro: a embolada, o “internetês”, a peça teatral, o roteiro de cinema, o *rap*, a entrevista, a literatura de cordel ou o limerique. Sugira que eles procurem ser fiéis à estrutura da linguagem escolhida.

◆ nas telas do cinema

Para que seus alunos se aproximem um pouco mais da vida e dos costumes na Índia contemporânea, assista com eles ao filme *Casamento à indiana*, dirigido por Mira Nair. Ao retratar um tradicional casamento indiano, em que toda a família dos noivos se hospeda na mesma casa para celebrar seu enlace, comendo, bebendo, dançando, cantando e contando velhas histórias, a diretora retrata os conflitos entre modernidade e tradição, Ocidente e Oriente. Distribuição: Europa Filmes.

■ DICAS DE LEITURA

► Do mesmo autor

Aquecimento global não dá rima com legal. São Paulo: Moderna.
O cachorro do menino. São Paulo: Moderna.
Vida rima com cordel. São Paulo: Salesiana.
Minhas rimas de cordel. São Paulo: Moderna.
Rimas saborosas. São Paulo: Moderna.

► Do mesmo gênero

Contos de fadas russos, organização de Aleksandr Afanas’ev. São Paulo: Landy.
Contos de fadas indianos, seleção de Joseph Jacobs. São Paulo: Landy.
O mundo dos contos e lendas da Hungria, de Elek Benedek. São Paulo: Landy.

► Leitura de desafio

A Índia possui uma cultura de tradição e filosofia riquíssimas. Para que seus alunos possam conhecer um pouco mais a respeito da visão indiana de mundo, tão diversa da nossa, nada melhor do que conhecer o trabalho de um dos seus maiores poetas, prêmio Nobel de Literatura em 1913: Rabindranath Tagore. Sugerimos a leitura de alguns poemas de sua obra-prima, *Gitanjali*, publicada pela editora Martin Claret. A respeito da literatura de Tagore, Cecília Meireles, grande conhecedora da obra do poeta, afirmou: “A poesia tagoreana conduz a uma visão de santidade, de serenidade, na contemplação geral – visão que as gerações atuais mal podem compreender”.